ANO 5.º — Sexta-feira, 9 de Agosto de 1912 — NUMERO 233

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$200 réis
Semestre	600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$500 réis
Avulso	20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	40 réis
Comunicados	20 réis

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Ultimos cartuchos

Ainda sobre o ataque de Chaves

Perdoe-se-me a insistencia, mas eu julgo que para a historia do movimento monarquico estas questões devem ser sempre apuradas na sua verdade irrefutavel, porque a historia precisa e deve ser clara, positiva, categorica, muito principalmente quando éla tem que imputar responsabilidades de factos que pódem provocar a sequencia de acontecimentos politicos como os que se vem procurando provocar ha um ano a esta parte.

Além de que, taes acontecimentos, sendo especialmente importantes para a historia da reacção em Portugal, todos quantos subsidios se lhe levarem serão ainda poucos.

A fórma como no meu primeiro artigo mostrei a distribuição dos *complots* monarquico-reaccionarios, descripção que fiz da região e as consequencias militares que apontei sobre a questão da marcha de Couceiro, eram só por si bastantes para mostrar claramente que o objectivo do chefe monarquista era Chaves e podia ser Chaves.

Subsequentes depoimentos de republicanos e realistas vieram confirmar a minha hipotese e esses documentos deixei-os consignados no meu artigo.

Fecharei a questão com um esclarecimento sobre a saída das tropas de Chaves—e este importantissimo—e com um *croquis* do teatro dos acontecimentos para esclarecimento completo dos leitores do *Democrata.*

O primeiro é uma carta dirigida á *Montanha* pelo sr. Alves de Nobrega, combatente republicano nas linhas de Chaves e que se refere ainda á carta de Maia Magalhães.

Nos meus artigos anteriores coloquei a questão sempre sobre o facto de o comando de Chaves não possuir informações directas e seguras da situação da coluna de Couceiro, facto que muito diminue a responsabilidade do comando porque este só podia assim preparar o seu plano de campanha sobre hipoteses que só o bom senso e as leis da guerra podiam estabelecer.

Efectivamente Maia Magalhães diz na sua carta para o *Mundo* e *Seculo*, que *na noite de 7 para 8 na manhã de 8, ninguem informou disso (da marcha dos rebeldes) o comando*, etc. Ora este ponto esclarece-o o sr. Nobrega.

O Magalhães, ferido na escaramuça de 7, e de cama, é claro que não o podia saber e escreveu portanto a aludida carta no desconhecimento de factos que agora estão vindo a lume e que convém que de todos sejam conhecidos.

Ora, em Gralhos, para onde o sr. Nobrega partira em automovel acompanhado de alguns soldados e do tenente Varão, soube êle que a coluna invasôra tendo estado em Padornêlos, abandonará já esta povoação seguindo por Gralhos e Sobreira para Meixide e Soutelinho, facto este de que o alferes Casqueiro, comandante de uma força de cavalaria destacada em Montalegre, já tinha conhecimento como o comunicou ao mesmo senhor.

A's 8 da noite de 7, o automovel do sr. Nobrega chegáva a Montalegre, onde a marcha de Couceiro para Soutelinho era tambem já conhecida.

O tenente Varão telegrafou então para Chaves, comunicando estes esclarecimentos e informando o comando da marcha dos realistas em direcção a Chaves. Isto ás 6 da noite de 7.

Quem recebeu este telegrama que deveria ter evitado a saída das tropas republicanas da praça ameaçada?

A que horas foi êle entendido em Chaves?

Por que é que, até á data da publicação da carta do sr. Nobrega, na *Montanha,* ninguem se referiu a este aviso, que devia ter sido importantissimo para a sequencia das operações da coluna republicana?

Não foi este telegrama entregue?

Foi-o, mas não deram valor a esta informação?

Eis os factos que convém averiguar pois a saída das tropas de Chaves—o que o telegrama do tenente Varão devia ter evitado, podia ter dado logar a um gravissimo e quiçá irremediaval desastre.

Pela carta do sr. Nobrega o comando sabia, pois, que Couceiro não marchava sobre Montalegre, mas sim em direcção a Chaves.

Se o sabia, porque saiu a coluna em socorro de uma povoação que já não precisava ser socorrida abandonando Chaves que agora estava ameaçada?

Perguntas são estas que naturalmente ocorrem a toda a gente e que um relatorio do comando de Chaves a que se desse toda a publicidade, devia esclarecer, justificando o seu procedimento em face de factos tão contraditorios como os que se estão conhecendo.

Pelo *croquis* junto os leitores do *Democrata* poderão ver melhor a minha hipotese sobre a marcha de Couceiro e as suas intenções.

As localidades marcadas com uma cruz são aquelas em que havia *complots* monarquicos.

Como se vê, Chaves, fica quasi no meio de um verdadeiro cemiterio: Vale Passos, Vila Pouca, Celorico, Cabeceiras de Basto, Mosteiro e tantos outros que desconheço.

Couceiro, portanto, na sua marcha de Chaves pela estrada de Vila Pouca a Braga, ia-se reforçando com as guerrilhas de todos os padres Domingos que encontrasse organisadas por cada um dos *complots.*

Agora veja-se Montalegre inteiramente isolada e separada de Cabeceiras pelos macissos das serras de Larouco e Nogueira e sem outro auxilio, pois é justamente para aqueles lados onde não ha localidades importantes, sédes de *complots.*

As povoações da fronteira, sublinhadas, indicam a marcha de Couceiro.

Como se vê, Couceiro encostou-se sempre á fronteira até Soutelinho, donde caiu a marchas forçadas *(forçadissimas*, diz um realista) sobre Chaves, naturalmente informado ali, como decérto já esperava, do abandono da praça pelas forças republicanas.

Esta informação de que já se tem falado, não deve ter sido casual mas combinada préviamente para o caso da demonstração de Montalegre dar o resultado que Couceiro previu.

Queimados os ultimos cartuchos, fecho as minhas considerações sobre as operações de Chaves e a marcha de Couceiro, considerações que exclusivamente representam a minha maneira de ver e opinião pessoal.

*

O articulista do artigo *Viva a Republica,* dá-me a honra de replica ás considerações do meu primeiro artigo, em que levanto o qualificativo de estupido dado a Couceiro.

Sim, Couceiro, se não se ficasse á espera dos sapatos de defunto que lhe prometeram os covardões monarquicos de Chaves, que em vez de lhos ir levar atravez as linhas de fogo, se ficaram com o lombo no seguro a ver em que paravam as modas, devia ter investido Chaves; mas em face da receção que esperava muito ao invés, e sem saber os elementos de defêsa de que a praça dispunha, em homens e material, vendo, de mais, que as forças da defêsa iam recebendo reforços, ficou-se estupidamente, não ha duvida—numa apatía que nada justifica, tanto que deu provas de habil estrategista pela forma como iludiu o comando das forças de Chaves.

Ora, no que Couceiro foi mais do que estupido, mais do que um utopista foi em meter-se na camisa de onze varas da restauração dos adeantamentos, que nem lhe abona o patriotismo, nem o caracter.

E aqui não ha duas opiniões: Couceiro foi... um imbecil.

Humberto Beça.

Subscrição

aberta pelo *Democrata* para a compra duma bandeira que, por iniciativa do *Grupo Defeza da Republica de Aveiro*, deve ser ofertáda ao regimento de infanteria 24 aquarteládo nésta cidade:

Transporte	40$600
Dr. Adolfo Coutinho	1$000
José Maria Caetano de Matos	1$000
Soma	42$600

A acompanhar o vale de 1$000 reis com que o sr. Matos contribuiu para esta subscrição, recebêmos a seguinte carta:

... Sr. director do jornal

O Democrata

Aveiro

Tomo a liberdade de lhe escrever para participar a V. que nésta mesma ocasião lhe remeto um vale do correio da pequena importancia de 1:000 reis para ser entregue por seu intermedio á comissão que tem por fim ofertar uma bandeira ao regimento de infanteria n.º 24 aquarteládo néssa cidade.

Lendo eu no seu jornal a ideia patriotica que levou a camissão a destinguir o referido regimento pelas provas democraticas que já tem dado, por esse motivo e ainda que longe da minha terra natal, venho associar-me á iniciativa dos meus patricios com a qual concordo louvando-a como merece.

Desculpe-me a ousadia em o importunar e creia-me

De V. etc.

Ponta Delgada, 31 de julho de 1912.

José Maria Caetano de Matos.

De interesse público

Encontrando-se em reclamação a matriz da contribuição industrial do corrente ano, lembrâmos a todos os interessados dêste concelho a conveniencia de a irem examinar para que de futuro não haja motivo de queixas infundadas, como tem sucedido, sem que depois possam ser atendidas.

TRÁFEGO IGNOBIL

Uma pretensa isenção de mancebos do serviço militar

De como é posta em cheque a junta de inspecção por um medico sem escrupulos

Ao sr. ministro da guerra

Esse velho regimen que se afundou num mar de lama, não levou na sua voragem todos quantos engrandeceram a sua existencia na pratica dos maiores crimes e dos maiores vilipendios!

Se por toda a parte a mefitica lava de corrução se fez sentir, avassalando os que, por temperamento, não reagiam ou quantos, animádos por outros sentimentos se, deixavam arrastar -o distrito de Aveiro foi, sem duvida, onde o mal mais profundamente se manifestou. Afogado no fétido esterquilinio que teve como progenitor o homem de Agueda—permitam-nos a ideia—esse famoso arlequim eleiçoeiro que aí dominou por largo tempo e que, como vimos, consagrou a sua *inversão* com o distintivo da mais alta aristocracia, no dizer daquêles que mais tarde com êle pactuaram nas mais repelentes afrontas á liberdade e aos direitos dum povo sobre o qual a corja tripudiou no mais infame conubio, déram-se casos que atingiram as proporções dos maiores escandalos, das mais vergonhosas afrontas!

A onda de lama que submergiu tantos homens, então ilustres, que se não soubéram salvar—Mousinho de Albuquerque, Bordalo Pinheiro, Ramalho Ortigão e tantos outros, arrasava, levando de turbilhão por esse país fóra, tantos quantos empregassem o menor esforço para desviar esse caudal de podridão que ameaçava subverter todos e tudo!

Os tenebrosos efeitos dêssa situação, que por toda a parte se reproduziam, já aqui, nêste distrito, se manifestavam, quando a subita intervenção da gente de Agueda, na firme vontade de dominar por absoluto e exclusivo na sucessão prevista ao dominio de Anadia, que João Franco refletira numa frase na câmara—*de que o seu chefe estava com os pés para a cova*—apagou os ultimos vestigios de dignidade e o que então se passou está na memoria de todos, porque nem tanto tempo decorreu que apagasse os mais insignificantes detalhes de toda essa época de miseria e de vergonha social!

Mercadejaram-se consciencias, calcou-se direitos, esmagou-se a justiça, rasgou-se a lei, deferiu-se todas as pretensões as mais ofensivas e escandalosas; a letra dos codigos e das leis desapareceu. Seguiu-se depois a paz, entre os que fingiram aceitar o novo dominio e o novo senhor e entrou-se no desbarato e na perseguição do pequenino numero dos que não pactuaram na infamia!

Esse capitulo atingiu proporções unicas e o imbecil que apanhára heranças, supoz que com a mesma facilidade colhera na sua rede de ambições, todos quantos dêle se aproximávam!

Foi espantoso o que então por aí se desenrolou sob todos os aspectos, todos os feitios—á sombra da benefica e acalentadora proteção do sr. Conde!!!

A vertigem atraía e por toda a parte se cometeram os maiores atropelos, especialmente a pratica de actos dos quaes adviam a pronta recompensa em metal sonante.

Uma béla manhã falou o povo pela bôca das espingardas e dos canhões, e canalisado por diversas partes o lamaçal que cobria o solo, este apareceu limpo, mas aqui e além ficáram ainda restos que precisam de imediato exterminio e completa destruição.

Infelizmente aqui, entre nós, existe ainda um monturo. Vâmos dar-lhe as primeiras enxadadas para a indispensavel remoção, esperando os necessarios desinfétantes para que dêle não fique, por vergonha nossa, o mais leve sinal, o mais apagado vestigio!

* * *

Feito, assim, singela e resumidamente esse pedacinho de historia contemporanea, vâmos á narrativa do caso, que, refléxo de tantos outros, que fôram então praticados com a sanção e até a pedido do Conde de Agueda, representante e inspirador déssa época de torpezas, que nos esmagou, não nos surpreende já, porque êle é a continuação do que ha muito se afirmava por toda a parte, embora com as reservas a que a falta de provas obrigáva.

Não era segredo para ninguem que o infamissimo tráfego de recrutas vinha de tempos remotos a ser ignobilmente explorado já por documentos, declarando a fantastica existencia de varias doenças, que custavam mãos cheias de dinheiro, já pela ilusória intervenção pessoal proxima dos medicos que constituiam as juntas inspeccionadôras.

O caso é que, nas épocas propicias, como a que decorre presentemente, os miseraveis exploradores da boa fé e ignorancia pública extorquiam centenas de mil reis aos desgraçados que, numa injus-

tificada animadversão pelo serviço militar, se deixavam embair com falsas promessas, que de positivo nada significávam a não ser a desvergonhada e repelente exploração que representávam.

Assim, o sr. dr. Manuel Pereira da Cruz, velha e principal figura em toda esta torpeza, sendo medico militar da reserva, com a graduação de tenente, abusou da maneira a mais criminosa e condenavel, dessa qualidade que, é nosso convencimento, solicitára — e isso é manifestamente intuitivo —para mais se impôr ao espirito inexperiente do povo, que arreigadamente se convencia do resultado da sua intervenção em taes actos.

Deste modo e dias antes de serem inspécionados os mancebos da Gafanha, ali apareceu devidamente uniformisado, cingindo a espada tão digna e alevantada do glorioso exercito português, o sr. dr. Manuel Pereira da Cruz, para calar, em ultima instancia, qualquer sombra de suspeita daquele abençoado rebanho que o *grande patriota* ia tosquiar em nome do brio, do pundonor e do prestigio da corporação que o tem como seu membro!

Para que negal-o?

Neste momento, traçando estas palavras e acordando no nosso espirito toda a grandêsa pavorosa désta infamia, fazemos um violento esforço para que, não nos entregando á onda de repugnancia e de cólera que nos ameaça, possâmos narral-a, dentro da sua propria acção, sem comentarios, pois éla por si só fala mais alto do que quanto a seu respeito possâmos dizer.

Continuemos, pois:

A existencia deste tristissimo facto aqui praticado é conhecido e tem sido levado lá para fóra, para diversos pontos do país onde os ilustres oficiaes medicos, descobridores oficialmente da ignobil *chantage*, ouviram referir com extraordinarias minudencias e citação do nome do seu autor!

Já se tentou, junto do sr. governador civil, fazer convencer esta autoridade de que quanto se passava era obra e plano executado por um colêga do réu dêste crime de lesa-patria, que assim pretendia perdel-o, caluniando-o perante os medicos da inspecção. Estes, porém, facilmente desfizeram o vergonhoso *truc* **garantindo com a sua palavra de honra** á referida autoridade, que nenhum colêga dêles—nem militar, nem civil—tinha prestado o mais pequeno subsidio ou informação para o conhecimento completo e indiscutivel do crime praticado.

Na passada sexta-feira, 2 do corrente, funcionando pela primeira vez a junta de inspecção militar em Ilhavo, composta pelos srs. tenente coronel Augusto Pereira, tenentes medicos Evaristo Duarte Geral e Armando de Macêdo, capelão Jaime José Ferreira, secretario e o 2.º sargento Bogalho e conhecedora esta do que se passava, foi posto em execução um determinado expediente, que deu o melhor resultado, porque se obteve o conhecimento cabal de que em nome da farda, alguem que a vestia a desonrava até ali.

Por diversos mancebos foi, por escrito declarado e assinado, as quantias porque tinham ajustado com o medico da reserva dr. Manuel Pereira da Cruz o seu livramento assim como a declaração de outros onde se consigna o compromisso tomado com o mesmo medico para pagamento que por êle fôsse arbitrado com igual fim!

Eis os factos; a infamia que se vinha praticando impunemente e que os proprios mancebos corroboraram bocalmente perante a junta e o público a quem aquéla deu conhecimento para que se não supozesse que ia feita na *chantage!*

Por motivos de facil compreensão, não estampâmos a copia textual dêsses documentos e nomes dos seus signatarios. Mas êles virão a lume. O sr. ministro da guerra, o público, a classe medica desta cidade e do país, dêles hade ter um dia conhecimento. E então se verá por quanto se livra um homem do serviço militar, por quanto ficáva a isenção dum mancebo que desde creança mourejava para ter com que se livrasse de soldado!

Colocada assim a questão nêstes termos, perguntâmos: deve ser permitida mais um instante autorisação ao sr. dr. Pereira da Cruz para vestir a farda de oficial, que tão repugnante e afrontosamente conspurcou!

Perguntâmos mais ao sr. ministro do interior: depois dêste facto estupidamente ignobil, póde permitir no desempenho de cargos oficiaes quem dêles assim abusa, traficando, deshonrando e repelentemente mercadejando as suas funções?

Ha um caso que a imprensa local tratou, e que, passado num país onde houvesse um pálido vislumbre de moralidade, já teria feito com que o medico a que nos estâmos referindo não abusasse tanto nem praticasse tantas proezas, que envergonham uma cidade inteira.

Quando ha anos apareceram em Castélo de Paiva casos de peste bubonica, importada por uma familia vinda do Brazil, ali foi mandado o Delegado de Saude do distrito para com o sub-delegado da localidade impestada tomar as devidas providencias.

O Delegado, dias depois, remetia para a inspecção geral de saude detalhado relatorio da sua missão e das providencias tomadas, isolamento dos infeccionados, montagem do hospital provisorio por êle dirigida, etc., etc., mas quando o famoso relatorio era lido, chegava um telegrama de Paiva, expedido pelo sub-delegado e dizendo que ainda não chegára ali o Delegado de Saude, como da inspecção fôra dito!

Pois sr. ministro: o inspector geral de saude continúa a ser o mesmo e o mesmo tambem o Delegado de Saude, que é o tôrpe protogonista do crime que vimos narrando!

Srs. ministros: a primeira condição dum regimen é a moralidade e foi a sua compléta desaparição da monarquia que prontamente a fez baquear!

Srs. ministros: para que o povo, unico soberano, vos não acuse de conivente, de protétores e de solidario com tamanho crime e tão repugnante criminoso, procedei sem a perda dum momento!

Sr. governador civil, sr. comandante militar:—cumpri o vosso dever!

Moralidade, moralidade, em nome da Republica, que não encobre criminosos que vilipendiam a farda do exercito português!

Que a lei não seja aplicáda só aos pequenos. Que éla se aplique egualmente aos grandes, aos previlegiados que prevaricam e que devendo dar bons exemplos pela posição que ocupam na sociedade, pelos seus conhecimentos e pelo meio em que fôram educados, de tudo se esquecem e tudo sacrificam ás suas ambiçõespessoaes.

A's autoridades, pois, entregâmos o assunto.

E mais nada reclamâmos senão justiça.

Justiça em nome da moralidade!

Justiça em nome do decôro!

Justiça em nome da honra da Republica!

Um "orgão,, no tribunal

Têve logar ontem no tribunal de Aveiro o julgamento do *orgão das lidimas individualidades da nossa terra*, tambem conhecido por *Aveirense*, redigido por um antigo tipografo do *pulha* e que era acusado de dirigir injurias ao secretário da câmara, caluniando-o na sua reputação de empregado público, como se demonstrou no julgamento e antes no inquerito a que a comissão administrativa procedeu em virtude das arguições feitas no referido *orgão* ao sr. Firmino de Vilhena.

Decorreu a audiencia sem incidente visto o réu não ter aparecido nem se fazer representar, apezar de todas as provas que dizia possuir para convencer que o secretário *andava forrageando escandalosamente, ha uns poucos de anos, pelos orçamentos do municipio,* e de aí o não nos alongarmos tambem nésta noticia, que vâmos terminar com a sentença proferida pelo digno presidente do tribunal, depois da rosposta do juri, por unanimidade, aos dois quesitos formulados, e que deu em resultado ser o réu condenádo em 3 mezes de prisão substituidos por egual tempo de multa a 500 reis por dia, 200$000 reis de indemnisação ao ofendido, custas e sêlos do processo e 5$000 reis de procuradoria.

Não se esconda, sr. secretário! Venha para aqui, para a frente, onde todos o vejâmos, clamava o *Aveirense.*

Como se vê, o sr. secretário veio. Lá o vimos no tribunal ao lado do seu advogado. Mas o representante das *lidimas individualidades da nossa terra* é que não deu sinal de si. Nem provou nada, nem apareceu, sequer, a dar uma explicação.

Fica arquivado.

Coisas & tal

Defêsa da Republica

Diz-se que o govêrno cuidará, em bréve, de modificar os regulamentos disciplinares das repartições do Estado, no sentido de evitar que funcionarios possam, impunemente, conspirar contra a Republica e prejudical-a, dificultando os serviços.

Nada mais acertádo. Desde que a revolução de Outubro foi tão generosa que deixou nos logares de reponsabilidade e confiança a maioria dos que lhe eram adversos, justo é que esses regulamentos especiaes apareçam e se façam cumprir, porque ha muitos funcionarios com direito a serem metidos na ordem.

A começar por Aveiro...

Quem não tem que fazer...

Em Esgueira, as *canastras*, que, pelo visto, é praga que a toda a parte chega, teem-se entretido nos ultimos tempos a colocar por debaixo das portas de algumas habitações, cartas com os seguintes dizeres:

CADEIA DE S. PEDRO

«Senhor Deus de Mizericordia nós vos suplicâmos de ter piedade de nós. Perdoai-nos os nossos pecádos pelos meritos do vosso saugue precioso, a fim de viver eternamente em vós. Assim seja.

Esta oração foi dada em Jerusalém. A pessoa que a escrever 9 vezes a contar do dia que a recebe terá ao nono dia uma grande alegria e a quem a recusar acontecerá uma grande desgraça. Escrevei a vossos parentes e amigos. Orai com confiança. Não quebreis a cadeia.»

Se os nossos visinhos *bicudos* teem ou não cumprido a suplica das *canastras* pecadoras, é coisa que nem sequer tentâmos averiguar. Que temos nós com os amores de cada um?

Pois não são as *canastras* muito senhoras do que é seu para terem o direito de eternamente viverem com S. Pedro ou até com algum dos seus representantes?...

Ainda bem

Sobre o roubo de que foi vitima o director dos *Successos*, diznos este jornal, no seu ultimo numero, que o larapio restituiu parte dêle, ficando apenas com as libras e as moedas de 500 reis. O resto, tudo lhe apareceu novamente em casa: a corrente *double*, a medalha, a bolsa e os tres vintens em prata.

Amigo Marques Vilar: uma sorte déssas não é para toda a gente. E deixe-nos dizer-lhe mais—isso só por *milagre*...

Irá désta?

Consta na cidade que os antigos famulos do Conde de Agueda e alguns *republicanos* pertencentes á panelinha do *pulha de Aveiro* e *Mijarêta*, vão fundar um centro evolucionista, com orgão, retrato do chefe e tudo. E acresenta-se —não foi para outra coisa que veio de Lisboa o *Pitôrra!*

Ora... polvora!...

Uma critica

Lêmos ha dias num colêga nosso, de Pombal, nada menos duma coluna de prosa em que o articulista, depois de censurar as tropelías lá feitas na egreja da terra por um armador désta cidade, dos de *fâma*, termina por dizer: *E vinha de Aveiro como uma especialidade!!*

Acrescentando: *Mais uma vez nos convencêmos que de Aveiro só ovos moles, mexilhão e tricanas bonitas.*

Já lá viram, o lambareiro?...

De justiça

Referiu ha dias o nosso colêga *O Mundo* que numas manifestações feitas na estação de Alfarélos ao sr. Antonio José de Almeida se havia intrometido o respectivo chefe quando a verdade manda dizer que David Bernardo se encontrava á data e ainda se encontra hoje na instancia de Entre-os-Rios pelo que é falsa semelhante arguição.

Só gostávamos de saber o que têve em vista com a insinuação o informador do *Mundo.*

Sempre generoso...

Recortâmos dum colêga:

De Beja foi o bispo consultado.
P'lo bravo do Couceiro destemido,
Se acaso qu'ria ser incorporado
E dava o seu apoio ao bom partido.

O bispo, sorridente e meneando
O corpo bem fornido e rebolúdo,
Responde logo, a voz adocicando:
«Ai filhos, eu dou tudo, tudo, tudo!»

Pobre do bispo, que é capaz de ficar sem nada...

POR AVEIRO

Necessidades locaes

O QUE URGE FAZER QUANTO ANTES

No nosso numero passado, dando resumidamente conta da honrosa visita a Aveiro dum grupo de socios da *Sociedade de Propaganda de Portugal*, dissémos que—os ilustres visitantes não foram satisfeitos na parte respeitante a acomodações de hospedagem. E de facto assim foi.

Não é, porém, de hoje nem de ontem que tão sensivel lacuna entre nós existe, sendo larga e infelizmente conhecida lá fóra, resultando de aí um afastamento notavel e altamente prejudicial a esta terra, de grande numero de visitantes que, sabendo antecipadamente faltar-lhes aqui o mais insificante conforto, escolhem por certo outro rumo ás suas digressões, abandonando esta cidade com os seus arrabaldes—especialmente os belos passeios á Barra e Costa Nova, tão surpreendentes e deliciosos pela originalidade da paisagem e grandeza do panorama.

No entanto, ha interesses profundamente feridos como consequencia dêste triste estado de cousas, ha prejuizos multiplos que atingem contos de reis durante o ano, e de ninguem parte a iniciativa patrioticamente indispensavel para que, reunindo-se de qualquer fórma o capital preciso, se procedesse em local apropriado, á construção dum hotel moderno, oferecendo todas as comodidades, sem requintes de luxo, mas com todos os preceitos higienicos—ar, luz, aceio.

Convençâmo-nos disto que é uma grande verdade:—não é por absoluta carencia de recursos que Aveiro estacou, deixando correr anos, sem um melhoramento, sem uma realização importante.

E' pelo absoluto despreso a que todos votam os interesses désta linda terra, que podia ser hoje, sem favor, uma das mais formosas se juntassemos ás suas belezas naturaes aquélas que um pedacinho de mais amor natal podia ter produzido sobejamente.

Por toda a parte e especialmente nas terras da béla cenografia désta, se procura obter e dispôr tudo quanto possa atrair a curiosidade de sabios, ricos e educados, que viajam para cultivar o espirito, desenvolver os seus conhecimentos ou mostrar as suas riquezas que lhes garantem as mais extraordinarias estravagancias.

Não poderemos apresentar-lhes maravilhosos muzeus onde se acumulem, luminosamente, todas as florações artisticas das edades antigas e modernas; monumentos de suntuosas arquitéturas, em que se esgotou o genio creador e que são eloquentes testemunhos da actividade estética do passado; bibliotécas que condensem a mais vasta parcéla do saber humano—mas se nada disto se póde dar ao visitante que nos procura, ofereçâmos-lhe, ao menos, uma bôa casa, moderna, com ar, luz e espaço—um bom quarto—uma sala de meza vasta, bem iluminada de dia e de noute—um párque onde após a refeição repouse confortavelmente, espalhando a vista sobre esse panorama tão variado quanto bélo, que nos circunda!

Os que saem da sua casa, onde se encontravam de posse de todas as comodidades e rodeados de todos os confortos, dispenderão alegremente com a condição de que nada lhes falte, orque em regra, quem viaja, no sentido rigoroso da palavra, é mais ou menos abastado, no caso de gastar sem comprometer a sua fortuna.

Em toda a parte a industria hoteleira atinge grandes proporções de desenvolvimento, procurando fazer do pequeno grande, do bom ótimo.

E' claro que não queriamos aqui um hotel para milionarios, principes e nababos, no qual tivéssem de pagar a hospedagem a mãos cheias de libras. Mas, ao fazer-se um edificio apropriado, construisemos o melhor, imitação dos que se encontram em Nice, em Lyon, Biarritz, Ostende.

O que era Ostende, simples terra de pescadores comparada com o que é hoje, uma das mais bélas praias do mundo, visitada na época balnear por 250.000 estrangeiros?

Talvez então tão grande como Aveiro, mas que devido á iniciativa particular, na qual entrou o proprio rei Leopoldo II éla atingiu as grandiosas e belas proporções de hoje, em demasia é claro para os seus 40.000 habitantes permanentes, mas talvez já deficientes para o crescente numero de visitantes que ali procuram e encontram todos os atrativos e diversões das melhores praias, juntamente com as mais completas comodidades que se possam encontrar nas principais cidades da Europa.

Ostende de pouco a pouco, num ininterruto aumento, foi-se alargando, estendendo-se ao comprido da sua béla praia, enfileirando soberbos edificios no traçado das novas ruas e *boulevards* e decorridos bem poucos anos, suplantava algumas e rivalisava com outras das melhores praias do mundo.

Como base principal, contudo, do seu florescente e grandioso desenvolvimento, deve-a ao jogo.

E, quando alguma situação politica o proíbia, em pruridos de honestidade, a miseria manifestava-se desde logo, pela ausencia completa do estrangeiro, do *touriste* e até do exodo dos proprios habitantes, tendo o comercio e as colectividades de empregarem para as suas transações a circulação fiduciária!

Não sômos apologistas do jogo, mas entendemos que êle devia ser permitido nas praias, durante as respectivas épocas balneares, não só como prazer para os que com êle gozam, mas como uma fonte de receita aplicada aos beneficios da terra em exclusivo, sem partilha do govêrno—para que este *se não macule em tamanha imoralidade*, emquanto, todavia, consente a infamante prostituição, a maior nodoa da atual sociedade e permite a lotaria, anunciada em altos brados pelas ruas, com perseguição feroz ao traseunte para que... jogue, com bem menos probabilidades de lucro que fornecem outros jogos, que classificam picarescamente de... azar!

O que se deu em tempos em Ostende, está a dar-se presentemente nas nossas praias, onde, mais por capricho que por outra qualquer razão se proíbiu o jogo, resultando a absoluta carencia de frequentadores e os tristes resultados consequentes.

Por toda a parte, se pensa oferecer ao visitante os recreios a que êle tem direito e generosamente paga com o seu dinheiro, ao qual nos não cabe o direito de pôr entraves.

Devemos pensar, porque é a realidade positiva das cousas: de todos esses recreios e prazeres, manifestados de varias formas, no casino, no teatro, na assembleia, no banho, no hotel, no jogo, todos lucram especialmente as inumeraveis pessoas que de todos esses meios de vida vivem, angariando a sua subsistencia pelo esforço quotidiano, obtido na variedade de gôzos que os mais felizes auferem.

Voltando, porém, ao principal assunto que um incidente das nossas modestas considerações momentaneamente desviou, nós vimos que por toda a parte, na Inglaterra, França, Suissa etc, numa verdadeira fébre de patriotico engrandecimento se traçam plantas e fazem construções, compativeis com a higiene e conforto modernos, chamando assim os numerosos felizes que ainda por este mundo existem gozando a vida sob os seus mil aspectos de prazer e variedade, a que lá vão deixar os abundantes rendimentos das suas fortunas fabulosas.

Na Suissa, por exemplo, encontram-se magnificos hoteis em qualquer serra com neve nos pincaros ou num lagosinho com meia duzia de arvores em roda, onde com certeza, consultados os nossos capitalistas a arriscar uma duzia de mil reis néssas construções, teriam caido fulminados com uma apoplexia.

Comtudo as respectivas emprezas ganham dinheiro e as suas casas são procuradas por os que não receiam gastar ouro suficiente que lhes garanta a satisfação dos seus desejos.

Em Aveiro, infelizmente, nem grande nem pequeno; não ha um hotel capaz de receber, sem uma contração de inspirado desapontamento e funda contrariedade, o viandante que o procura e que desde logo assenta, no seu espirito, não voltar para tamanha decéção.

Finalmente: com um pequeno esforço, um pedacinho de bôa vontade daqueles que por todas as razões estão no caso de o poder fazer, resolver-se-ia este caso, preenchendo-se essa lacuna, bem mais prejudicial, do que muitos pensam, ao engrandecimento desta terra, ficando assim resolvido o problema que de ha tanto precisa de solução.

Capital?

Não falta.

Entre o muito que poderia facilmente procurar-se e obter-se de varias procedencias, ha o colossal fundo de reserva da *Caixa Economica Aveirense* que, sem outro recurso, chegaria de sobra para a aquisição de tamanho e tão indispensavel melhoramento para Aveiro, tão digna de melhor sorte.

Fazemos votos para que estas simples palavras, sem pretenções de especie alguma, possam ser tomadas, por os que podem e devem, na devida consideração.

São os nossos votos.

Cidadãos! Mancebos que tendes de entrar nas inspecções para o serviço militar: não vos deixeis iludir com falsas promessas de livramento! Tende confiança nas juntas medicas que vos inspécionam e que não se corrompem por dinheiro, nem se arrastam por empenhos. Ide confiados na Justiça!

A QUEM COMPETIR

Quando daqui saiam a um sinal dado ou a prevenção feita, os cinco individuos, que na véspera do ataque a Chaves, deixáram precipitadamente esta cidade, seguia o mesmo processo o famigerado *cacique* de Ovar, dr. Joaquim Soares Pinto, que dali se ausentou, ignorando-se até hoje o seu paradeiro.

Sucéde que ao caír da tarde désse dia—expedido pela estação do caminho de ferro de S. Bento ou Campanhã, chegáva a Ovar um telegrama dirigido ao referido cavalheiro com o seguinte texto e assinatura—*Só chegâmos ámanhã—Silva.*

Nêsse dia saira daqui no rapido das 14 horas para o Porto, onde chegou ás 15, o advogado da rua do Sol e *lidima individualidade da nossa terra*, Jaime Duarte Silva, amigo muito conhecido, além de colêga e dedicado correligionario, de Soares Pinto, destinatario do telegrama horas depois transmitido.

Quem seria o expedidor?

A autoridade respectiva já averiguou do caso? Obteve o original do telegrama como meio de talvez poder conhecer se a letra do Silva que, como a *cousa* era segura, poderia tel-o escrito com o seu proprio punho?

Então teremos de aceitar como razão justificativa da saida dêsses individuos, como se a todos êles o mesmo bicho tivésse mordido á mesma hora e no mesmo dia: o *tratamento do dente*, a *doença da mãe*, a *enfermidade da mana*, a *precisão de banhos*—que por sinal nem um terá sido tomado?!

Então póde lá ser isso—porque não ha próvas juridicas?

Aqui temos repetido dezenas de vezes esta pergunta, sem que ninguem nos responda. Que próva mais precisa é do que a saída dêsses individuos, horas antes do primeiro combate dos invasores na fronteira—êles que deixaram, uns, incompletos trabalhos da maxima importancia e gravidade, outros a sua vida comercial já tão dificil por circunstancias anteriores de identico caracter, ficando na sombra ainda outros, para a sua aparição no momento propicio?

Quem andou a horas mortas em bicicleta entre esta cidade e a Costa do Valado, transmitindo instruções, passando avisos?

Mas teremos nós de sermos os juizes nêste pleito?

Se a isso chegármos, justiça será feita porque da criminalidade dos réus estâmos de sobejo convencidos!

Justiça, senhores, justiça!!!

Para a historia da restauração monarquica

Um quadro que merece... moldura

E' fóra de duvida, porque está provado, que a gentalha de Paiva Couceiro se preparava para as maiores violencias se por ventura os republicanos não sáem a defender-se e o exterminio da malta se não faz com precisão, energia e senso, como o demonstrou o exercito, reforçado com o elemento civil, que a seu lado se bateu heroicamente pela Republica contra os inimigos da Patria, do progresso, contra os salteadores dos cofres públicos, os legitimos representantes da seita negra.

A ninguem isso deve oferecer duvidas. E este quadro, com algumas das selvagerias perpretádas, claramente nos revéla as intenções dos criminosos que a Hespanha agasalhou e protegeu para a pratica de taes proezas, como estas que nêle se apontam:

— Envenenáram o vinho em Cabeceiras de Basto.

— Violaram mulheres em Vila Verde da Raia *(Seculo de 15)*.

— Queimaram os postos fiscaes, aluiram pontes, interromperam linhas ferreas e cortaram linhas telegraficas.

— Roubaram o dinheiro que encontraram na estação e posto fiscal de Valença.

— Assolaram propriedades rusticas e destroçaram rebanhos, correndo a tiro os pobres pastores.

— Conduziam latas de gazolina para incendiarem as povoações adversas *(Valença)*.

— Empregaram balas *dum-dum*, que por serem explosivas só se permitem na caça ás féras e não na guerra *(Chaves)*.

— Assassinaram autoridades e cidadãos indefesos *(Cabeceiras)*.

— Bombardearam uma vila aberta *(Chaves)*.

— Lançaram granadas sobre o hospital militar désta localidade no qual flutuava a bandeira da *Cruz Vermelha*.

— Enterraram feridos ainda vivos *(Chaves)*.

— Roubaram o automovel de Rodrigo Soriano proximo de Verin.

— Espingardearam as tropas republicanas de territorio hespanhol *(Feces)*.

— Ameaçaram alistados indecisos com a prisão pela guarda civil de Hespanha.

— E, para finalisar, traziam arregimentados algumas dezenas de galêgos a 500 reis por cabeça!

E ha ainda quem chame a um bando que tal pratíca, *combatentes lendarios, herois medievais, filhos de Portugal* e *nossos irmãos!*

Não. Isso nunca. Com facinoras déssa raça sería a maior das ignominias se alguma vez a Republica ousasse ter entendimentos.

Ao sr. comandante militar

Até á hora que escrevemos, não nos consta que tenha sido tomada a mais simples providencia indicativa do apuramento do caso que aqui no passado numero aludimos. Então, aberto concurso para um serviço que será adjudicado a quem mais barato o fizer, entrega-se ao que mais caro se prontificou a fazel-o?

Isto é regular? é honesto? é legal?

Não abandonaremos a questão, que fatalmente terá de ser apreciada e apurada, como indica a razão e a justiça.

Ou continuâmos a viver nas graças e habilidades do antigo regimen?!!

Comicio de propaganda

Afazeres inadiaveis impediram-nos de ir no domingo assistir aos festejos que os nossos correligionarios de Ois da Ribeira promoveram para solenisar o 1.º aniversario da fundação do Centro Republicano, de cujo programa fazia parte um comicio de propaganda, que nos dizem ter sido bastante concorrido colhendo os oradores fartos aplausos.

Os nossos correligionarios de Ois da Ribeira teem-se destacádo pela sua dedicação ao ideal que no concelho de Agueda tão combatido foi pelo elemento reaccionario e ainda é, o que nos léva a enviar-lhes daqui uma calorosa saudação significando-lhes a nossa estima e solidariedade.

Uma iniquidade

No sabado ultimo liquidou-se no tribunal désta comarca uma torpeza. Respondeu e, contra toda a espectativa, foi absolvido pelo juri, o réu José Pereira, maritimo, residente na Moita da Oliveirinha onde é casado com Maria Nunes Pereira.

Era acusado este sugeito de ter desfiorado, com violencia, a menor Maria Augusta, de 15 anos, natural de Páus, de Alquerubim, e que a propria mulher do réu havia chamado a casa proporcionando ao marido o ensejo de praticar, com o seu auxilio, o repugnante crime.

Apezar de, na audiencia, o caso ser devidamente esclarecido, não houve, ao que parece, maneira de fazer convencer a maioria dos jurados de que um castigo se impunha ao infame que tão abusivamente atentou contra a virgindade da pobre rapariga, e de aí a má impressão causada no público, que profundamente se impressionou ao ter conhecimento da sentença absolutoria do réu, comentando-a até á censura acre por falta de consciencia para julgar um crime de tal natureza.

E' que os mais sagrados principios do decôro e da defêsa que se deve á moral e á humanidade, mandávam seguir ao juri outro critério que não fôsse aquêle por que se costumam guiar os acomodaticios, sempre propensos á corrução, como já por mais duma vez se tem visto nêste mesmo tribunal de Aveiro.

Nomeação afrontosa

Continuam os nossos correligionarios de Anadia a protestar contra a nomeação do sr. Navarro Lobo para a comissão das novas matrizes de avaliação das propriedades rusticas e urbanas da parte do distrito de Aveiro em que fica compreendido aquêle concelho, e nós com êles por vêrmos a razão que lhes assiste de não consentirem num logar de tanta importancia um cidadão que nem merece confiança á Republica, nem pelo seu passado vergonhoso é digno de ser investido em qualquer cargo do Estado. E se não digamnos: não foi o sr. Navarro Lobo apontado como falsificador das folhas de pagamento da Escola Agricola, de que era director e foi demitido? Não foi ao sr. Navarro Lobo feita uma sindicancia pela qual se provaram actos de corrução, verdadeiros escandalos que por si só bastam a constituir o seu aniquilamento moral para a vida pública?

Francamente, não sabêmos que mais admirar—se a desvergonha do sr. Navarro Lôbo, que se não capacita de que é uma creatura abominavel, desprezivel mesmo pela fórma como se conduziu na gerencia da Escola Agricola, se a bôa fé do govêrno em se aproveitar dêle para cargos que deviam ser confiados a republicanos de confiança, homens que tenham mostrado colocar acima dos seus proprios interesses, os interesses sagrados da Republica.

Pela nossa parte, repetimos, o nosso protesto hade fazer-se ouvir sempre que qualquer iniquidade ou injustiça seja praticada, porque não podêmos admitir que os govêrnos se continuem a servir de funcionarios sem caracter, com preterição de correligionarios que bem pódem ser aproveitados para as diferentes missões do Estado.

E' preciso que acabe tanta imoralidade! E' preciso que desapareça a politica de favores, que foi apanagio da monarquia, mas que tambem foi a sua mortalha pelos abusos a que dava logar.

A Republica fez-se para todos os portuguêses, é cérto; *mas os republicanos, que o eram antes de 5 de Outubro, é que teem de ser os governantes e os outros cidadãos os governados. E os monarquicos devem considerar-se felizes em serem bem governados, porque isso não conseguiram nunca os republicanos, quando os seus adversarios eram os governantes.*

Atenda o govêrno.

"Paivantes,, e paivantes

(Cronica dum jornal)

Minhas senhoras: *V. Ex.as*— *quer sejam femenis ou femenistas, apreciadoras do* bom-tom *ou masculinistas—não sabem talvez, porque nunca se dignaram olhar para os pelintras, o que seja um* paivante.

Vamos por partes. Um paivante *é um cigarro, chamado* forte, *apesar de ser esgrouviado, raquitico, infamissimo, despertador de tosse e capaz de nos estragar os gorgomilos; um cigarro daqueles que eu noutros tempos, quando tinha os meus 12 anos (e ás vezes ainda hoje) fumava a escondidas dos velhotes, com receio de que me abanassem as orelhas.*

Pois bem. Esses pessimos cigarros de trolha e de pelintra, enfezadinhos como um tisico ranhoso, sumidinhos como uma mana da caridade *que ha 8 dias não come, por penitencia, são a coisa mais parecida que eu conheço com os balofos* herois de *alem fronteiras e* que o *Zé Povo, acertadamente e atendendo ao desengonçado chefe que, não tragando mouros, não traga ninguem, apelidou de* paivantes.

Todavia, se na comparação alguem ou alguma coisa, como se diz na gramática, fica prejudicado, não é o cigarro das hostes paivantes é o cigarro de verdade *do masso de 30 reis.*

E digam-me V. Ex.as, qual vale mais?

O fronteiriço paivante, fedelho a urdir conspiratas, a arregimentar saloios brutos e fradalhões pontapeados, ou o paivante *pacato que nas horas aziagas de tédio, quando da algibeira o cobre ausente está, distrái, com seus novelos de fumo triste, os poetas que meditam e os trolhas que lamuriam?! Diga-se de passagem, eu não quero dizer mal dos poetas nem dos trolhas! E' apenas uma figura de rétorica, frase de efeito para o desejado fim, nada mais...*

Ah, minhas senhoras, V. Ex.as que nunca fumaram um cigarrito forte, *dos tais, e nunca sentiram o desejo enorme que nos corróe, de apertar o gasganête a todos esses pandilhas que, com arremetidas de larapio pôrco e prosápias de menino talassa, andam pela fronteira a maçar os nossos soldados não sabem, não sabem, não podem saber o que são estas duas miserias, causadas por estas outras duas abjecções: uma material outra moral— não ter dinheiro e não ter dignidade, não ter sorte e não ter patria, ser pobre e ser malandro.*

Fumador de paivantes *— é ser pelintra, desendinheirado, infeliz; amigo de paivantes e paivante — é ser malandrim, miseravel e traidor.*

E' preciso ser pobre honrado, ou simplesmente pobre, para usar os tais cigarrinhos; é preciso ser infelizmente hediondo, ou só hediondo, para andar nas hostes...

Como vêem, minhas senhoras, é apenas questão de palavra sublinhada ou por sublinhar, ser pobre e ser pulha, fumar e ser defumado.

Defumado pela traição, pela pusilanimidade e pelo contrasenso.

Não fumem paivantes nem amem paivantes, minhas senhoras!...

Vaz Passos.

DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

Uma jornada democratica

Como resumidamente acabei de descrever o que neste malfadado meio politico se vem passando nestes ultimos tempos, em que com toda a clareza se tem evidenciado que os ideaes e principios apenas servem para arranjar adeptos quando nos poderes governativos se encontram os adversarios, sendo letra morta ou riquezas arqueologicas quando do ideal se passa á realidade, quando se passa ao cumprimento das promessas feitas nas horas de luta, de propaganda, vou agora abrir um parentesis para dizer o que foi a visita do deputado dr. Barbosa de Magalhães a esta vila.

Numa reunião dos homens em destaque e dos lutadores do partido republicano democratico foi resolvido, segundo noticias dos jornaes correligionarios, que durante o interregno parlamentar os deputados visitassem os seus circulos eleitoraes, tomando o pulso á politica e fazendo a propaganda dos principios republicanos, chamando á vida activa da nação os homens que pelas suas inergias fisicas e moraes estavam em condições de colaborar na reconstrução nacional, no resurgimento da Patria. E foi obedecendo a esse plano, duma sublimidade encantadora, que o deputado dr. Barbosa de Magalhães se fez de longada até entre nós.

Ao saber da sua chegada a esta vila, o nosso coração de republicano e patriota sorriu-se de contentamento, bafejado pela esperança de que a oligarquia embrionario e sifilisado se ia desmoronar e uma nova construção, solidificada pela moralidade e pela justiça, se ia erguer por entre os canticos maviosos da triologia democratica. A' tristeza ia suceder a alegria; á apatia, o amôr; ao desleixo, o trabalho.

Pura ilusão de momentos apenas!

Poucos minutos eram passados depois que o digno deputado havia pisado o solo désta Londres do distrito, e já alguma coisa se tinha dado que me prognosticava que se mal estavamos, peor iamos ficar. Mas, arrastado sempre pelo amor aos meus principios para o otimismo, não quiz atender ao que se desenrolava, não quiz escutar a voz insufocavel dos factos.

Traduzia os acontecimentos pela infantilidade dos seus progenitores.

Barbosa de Magalhães, tendo conhecimento prévio de que neste concelho entre os republicanos havia desinteligencias, devia escolher aposentos onde toda a gente podesse, sem pedir autorisação ao dono da casa, cumprimentar o deputado, dizer-lhe o seu modo de ver, contar-lhe o que sabia e desenvolver-lhe á vontade a sua critica sobre os acontecimentos politicos locaes. E sobre este conjunto de personalidades objectivas e subjectivas formava o dr. Barbosa de Magalhães o seu criterio, traçava habilmente o seu plano de organisação partidaria.

Logo, porém, ao sair da estação do *Vale do Vouga* foi enleiado pelo sr. administrador do concelho que, em vez de ser o primeiro a indicar-lhe a conveniencia da sua hospedagem no hotel o intimou a que fosse para sua casa. E foi de tal maneira intransigente que não só não atendeu a alguem que nessa ocasião lhe mostrou os males que dali advinham, mas tambem não fez a vontade ao dr. Barbosa de Magalhães que, com insistencia, lhe pediu que quebrasse a teimosia, que só trazia más consequencias para a politica local.

A nada se moveu o sr. administrador do concelho, que o foi guiando para o seu lar democratico.

Depois que apanhou o deputado portas a dentro da sua habitação, tratou logo de chamar quem sabia que não lhe desvendava a verdade. Os cumprimentos efectuaram-se apenas entre mãos fieis e com a personalidade Fernão de Lencastre servindo de sentinéla á vista.

Todas as precauções se tomavam quando algum visitante traspunha os hombraes, que, de cabeça erguida pela sua autoridade moral, lhe podesse rasgar o véu, mostrando-lhe o teratologico potentado. Entre o visitante e o hospede permanecia atenta a figura estatica do administrador do concelho como que recordando á visita os deveres duma educação discreta.

Quando da sala das recéções o deputado passou á rua, a sentinela politica não abandonou o seu posto. Quem cumprimentasse o dr. Barbosa de Magalhães, tinha de cumprimentar o sr. Fernão de Lencastre ou quem de confiança o substituisse—os seus consocios politicos.

Pois se até o dr. Barbosa de Magalhães não pôde visitar correligionarios sem se ver livre da sentinela, que subia mesmo até á sala da palestra de onde saía juntamente com o deputado!

Eram ordens a que forçosamente se tinha de obedecer para que ao dr. Barbosa de Magalhães não fosse revelada a verdade, não fosse descrita a manha dos açambarcadores da politica local, desde longos anos marterisada pelas suas imoralidades, pelos seus processos revoltantes e injustos.

Como nem tudo corre á medida dos nossos desejos, apesar de tantos cuidados um velhote houve que num cumprimento passageiro e não ligando importancia á presença do sr. administrador do concelho, foi dizendo ao dr. Barbosa de Magalhães que não ficasse convencido de que andava rodeado de republicanos, mas sim de arrangistas.

Foi de tal efeito a franqueza do *atrevido*, foi tão certeiro o desfecho, que o sr. administrador, pegando num braço do deputado, lhe disse que não se demorasse, porque estavam uns amigos á espera dêles. E o deputado que tão bem ouviu as palavras do indiscreto acedeu ao convite, retirando-se.

A delicadeza pessoal e a sua missão impunham-lhe o dever de ficar; a diplomacia politica e o conhecimento, talvez, do seu obsequiador, determinaram-no a despedir-se do velhote.

Essa declaração tão simples, mas tão verdadeira, foi um resumo do muito que Barbosa de Magalhães ouvia, se escolhesse, durante a sua estada nésta vila, um hotel para seus aposentos; foi uma prova do que sabia passar-se aqui antes da sua partida de Lisboa.

Sim; Barbosa de Magalhães já sabia que o sr. administrador do concelho se esforçava por entregar a direcção da politica republicana democratica ao manhoso e imoralão escrivão Andrade e que era acompanhado néssa lucta de interesses individuaes por individuos que tão mal dissérám da Republica, que tão velhacamente insultaram os correligionarios do partido republicano.

Sim; Barbosa de Magalhães já sabia que os republicanos sincéros se queixavam amargamente da conduta do sr. Fernão de Lencastre, que traiçoeiramente preparava a entrega dos seus antigos companheiros de lucta nas mãos dos seus inimigos de sempre, nas mãos ensanguentadas dos estranguladores da verdade, da liberdade, da dignidade e da justiça, nas mãos dos homens que olham os fins, abraçando todos os meios que lhe sejam uteis.

O sr. Barbosa de Magalhães conhecia o plano do sr. administrador do concelho e o descontentamento dos republicanos locaes. E foi para tudo sanar, chamando a unir fileiras os republicanos e todos os que quizéssem desinteressadamente trabalhar pelo partido democratico, que veiu fazer a sua visita.

Nada conseguiu do que era necessario—unir os republicanos e chamar ao trabalho pela Republica todos os cidadãos de alto valor moral e politico, que de bôa vontade quizéssem prestar o seu valoroso auxilio nésta obra de reconstrução nacional.

Diga-se, porém, para abono da verdade, que o unico republicano a quem devido se tomou o infrutifero resultado désta jornada, foi o sr. administrador do concelho.

Mais um resultado da sua incompetencia.

E emquanto os autores da festa se prepáram para acompanhar o sr. Barbosa de Magalhães a casa do sr. Artur Pinto Basto e de outros vultos do partido regenerador, vou coligindo os apontamentos necessarios para no proximo n.º terminar esta descrição.

7—VIII—1912.

O medico, **Lopes de Oliveira**

P. S.—Na minha ultima correspondencia saiu uma *gralha* que alterava por completo a verdade e o sentido.

Não foi, como costuma dizer-se, por culpa dos tipografos; a culpa foi de quem, ao ditar-me o rascunho dos linguados para passar a limpo, leu *estrião* em vez de *amfitrião*.

Assim fica, pois, morta a *gralha*.

Lopes.

Em nome da moralidade e do decôro da Republica, exigimos que uma rigorosa sindicancia se faça imediatamente para apuramento de tudo quanto diga respeito á isenção, por dinheiro, dos mancebos inspécionados para a vida militar nésta circunscrição. A opinião pública anda alarmada; a opinião pública quer saber se é só o medico Pereira da Cruz que faz CHANTAGE com os recrutas ou se ainda tem agentes ou intermediários que o auxiliem néssa exploração ignobil.

Vâmos, sr. Ministro da Guerra! Ordéne V. Ex.ª a sindicancia, que está no espirito de toda a gente, escolhendo para éla militares acima de toda a suspeita, e verá como hade aparecer quem o exalte, que são todos aquêles que trabalham pelo prestigio das instituições e se sacrificáram pelo advento da Republica.

Excursão escolar

Viéram efectivamente a Aveiro no principio da semana os alunos da *Escola Industrial de Leiria*, que visitaram os diferentes estabelecimentos de ensino, mozeu, a Fabrica de Porcelana da Vista Alegre, etc.

Na *gare* da estação fôram aguardados pela musica do Asilo e alguns estudantes do liceu, que carinhosamente os saudáram, acompanhando-os atravez da cidade até ao hotel, onde estivéram hospedados.

Consta-nos que levaram as melhores impressões do passeio.

VENTOSAS

Aqui d'el-rei, peixe frito!
O' da guarda quem acóde!
Quem me tóca já o apito,
que o Vilar, o do bigode,
foi roubado e anda aflito!

O' senhor corregedor
ponha a policia em acção,
e descubra o roubador,
que a joia d'estimação
fez mudar de portador.

Ao filantropo que a achar
promete-se uma epopeia,
e as tubas hão-de bradar
em heroicos de mão-cheia
gatuno, joia e Vilar.

A joia por que êle se mata
e tinha em tanta valia,
eram tres vintens em prata,
que herdára de alguma tia
em noite de funçanáta...

Acudam! vão-no buscar,
o mais sério documento
que el' podia apresentar
sobre o sexto mandamento:
os tres vintens do Vilar!...

* * *

José Maria

A falta de espaço com que temos lutádo impediu-nos de ha mais tempo voltar a render homenagem a este *ilustre* homem *público*, que tendo aderido á Republica logo após a sua proclamação, *embora V. Ex.as o não acreditem*, com éla tem estádo e continuará a estar enquanto vivo fôr e o sumo da uva não deixar de ser o *precioso nectar de subida inspiração*, como já o defeniu um dos companheiros, frequentador do tasco de que o nosso homenageado é socio.

Que José Maria nos perdoe se ofendemos a sua *modestia*; mas o culto que temos por esse homem de fulgurante imaginação, a simpatía que nos inspira o grande director do *orgão dos taberneiros* na sua atitude bélica e pouco vulgar de atiládo orientador da opinião... vinhateira, não a podêmos reprazar facilmente, motivo porque mais uma vez lhe publicâmos o retrato onde com toda a nitidez se vê desenhado o seu intelecto, que fez dêle um superior e o hade *levar á gloria* se antes disso não morrer afogado dentro de algum tunél...

Nota.—O logar de honra dêste *organista* é na 4.ª pagina, mas por conveniencia de paginação veio para aqui, do que solicitâmos desculpa aos leitores e ao proprio director que levanta o *nivel*...!

Sessão da Comissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 1 de agosto de 1912.

Presidencia do cidadão dr. Luiz de Brito Guimarães. Compareceram os vogais Manuel Augusto da Silva, José da Fonseca Prat e Pompilio Simões Souto Ratola.

Acta aprovada, em seguida ao que foram presentes e deferidas as petições de:

Miguel da Costa Maio, José da Costa Maio, Manuel da Costa Martins e Margarida Martins de Jesus, de Verba; João Gaspar da Costa, da Taipa; Manuel Simões Neto Novo, da Povoa do Valado; Manuel dos Santos Marabuto, de Verdemilho; Manuel Dias Lopes, da Oliveirinha e Maximo Henriques de Oliveira, como representante do cidadão João dos Santos Silva, todos para construções de predios e muros, sendo o prenultimo para o de um aqueduto no caminho da Vala-horta e o ultimo para abertura duma friesta circular no predio que o mencionado João dos Santos Silva possue na rua Direita désta cidade; e Manuel Augusto Henriques Pinheiro, casado, negociante, de Esgueira, para atestado de comportamento, que a camara julgou bom.

O sr. presidente apresentou depois: um telegrama do ex.mo ministro da guerra agradecendo as felicitações que câmara lhe enviou pelas vitorias das armas nacionais contra as guerrilhas de Couceiro;

Um oficio do sr. administrador do concelho associando-se ás saudações da câmara por aquélas vitorias e especialmente á deliberação que tomou de dar o nome de Largo do Capitão Maia Magalhães ao antigo Largo da Vera-Cruz;

Outro da direcção dos Bombeiros Voluntarios pedindo reparações no edificio em que se encontra instalada aquéla humanitaria associação, reparações que a câmara resolveu fazer, cedendo, entretanto, para as suas reuniões, uma das salas do edificio municipal;

Outro do *Concelho de Arte e*

Arqueologia pedindo a entrega de uma sala em que se encontra uma das classes da escola central da Gloria, no edificio do extinto convento de Jesus, para alargamento do muzeu regional, entrega que a câmara resolveu fazer no fim do ano lectivo atual, mudando para o edificio da escola de desenho industrial aquéla classe da referida escola; e

Outro da *Sociedade Propaganda de Portugal* agradecendo a recéção aqui feita aos excursionistas que de Lisboa viéram na segunda-feira ultima a Aveiro.

O ex.mo presidente expôz em seguida a necessidade da câmara concorrer para a subscrição aberta no país para a compra de aeroplanos, resolvendo inscrever-se com 100$000 réis, que entrarão no orçamento do proximo ano, e promover a reunião dos representantes de todas as coletividades, locais afim de acordarem nos meios de conseguir outros donativos com aquêle patriotico fim.

Sua ex.a aludiu ainda aos proximos festejos de 5 de outubro, deliberando-se auxiliar na medida do possivel a comissão iniciadora déssa celebração nacional.

Mais resolveu a câmara chamar a atenção da direção das Obras publicas do distrito para o máu serviço que alguns empregados de aquéla repartição prestam, contra o que lhes é absolutamente determinado por lei, informando os individuos que se propõem edificar em terrenos compreendidos na área urbana da cidade de que não teem que solicitar licença á câmara municipal. Não só taes informações são ilegais mas ainda dificultam a marcha da regular administração municipal.

Limpêsa da cidade

Deixa muito a desejar a fórma como é feita pelos zeladores da câmara a limpêsa das nossas ruas, algumas das quaes se acham pejadas de quanta porcaria ha, com grâve prejuizo da higiéne e não menos do aceio a que tem jus uma capital de distrito.

A *Travêssa dos Pedros*, por exemplo, que fica mesmo a meio da rua dos Mercadores, é um perfeito chiqueiro. Para ali tudo se despeja, vendo-se além disso as valêtas constantemente cheias de dejectos provenientes da sentina de uma das casas que para aquêle lado deitam, sem que até hoje houvésse quem tomasse providencias no sentido de sanear o local indicádo.

Será preciso apelar para o sr. Delegado de Saude?

Sr. Ministro da Guerra: Que tenciona V. Ex.a fazer em face do escandaloso caso em que anda envolvido o nomed o tenente medico de reserva, Pereira da Cruz? Será justo que continue a pertencer ao exercito quem da farda se serve para ludibriar os ingenuos, extorquindo-lhes dinheiro a titulo de os livrar de soldado?

Sr. coronel Barreto: os aveirenses teem nêste momento os olhos postos em V. Ex.a

Necrologia

Faleceu em Espinho o inocente, Acacio, de 4 anos de edade, sobrinho do sr. Antonio Ferreira Lapa.

Teve um enterro bastante concorrido em que se viam as bandeiras da *Sociedade de Socorros Mutuos* e do *Grupo Vitalidade*, além de grande numero de *bouquets* que cobriam o feretro da desditosa creança.

Aos seus, os nossos pêsames.

Rua de S. Martinho

Continúa oferecendo o mesmo perigo para a saude pública e nomeadamente para os moradores desta rua, as aguas ali estagnadas e decompostas exalando um cheiro pestilencial.

A câmara teve já posto na rua de S. Martinho o material preciso para a construção do cano, que é absolutamente indispensavel, como já reconheceu o ilustre presidente; mas segundo nos informam, devido á demora na apresentação do orçamento, o que nada justifica, tem esse material sido retirado, com grâve prejuizo do que tão urgente é.

Os moradores dali, um dos quaes já fez por sua conta 30 metros de cano condutor, oferece como os outros, varias quantias de forma a tornar realisavel no mais curto praso de tempo, a obra que tão justificadamente se, pretende.

Mais uma vez vimos juntar os nossos rógos aos dos interessados, solicitando do snr. presidente que ordene sem demora as obras que se tem de fazer aproveitando o material que para ali foi levado para esse fim.

Rogâmol-o a s. ex.a.

NOTAS DA CARTEIRA

Com a sr.a D. Maria da Soledade Vilhena Pereira da Cruz, consorciou-se na segunda-feira o sr. dr. Henrique da Rocha Pinto, digno oficial do registo civil em Setubal.

A ceremonia civica teve logar em casa dos paes da noiva, que em seguida ofertaram aos convidados presentes um delicado copo de agua, *trocando-se afectuosos brindes.*

Desejâmos aos recem-casados as moiores venturas.

= Estiveram em Aveiro os srs. dr. Samuel Maia, Antonio Simões Jorge, dr. Aurelio Marques Mano, dr. Isaac Ribeiro, Manuel dos Santos Costa, Antonio da Rocha Martins e suas interessantissimas filhas, João de Almeida Vidal, Manuel Silvestre, Adriano de Vilhena Pereira da Cruz, dr. Barbosa de Magalhães e irmãs, Teixeira Ramalho, Afonso Fernandes, João Simões de Pinho, etc., etc.

= Partiu para Entre-os-Rios o nosso amigo e correligionario, sr. Manuel Marques da Cunha.

= Regressa hoje de Vila Franca acompanhado de sua familia que vem veranear pora a Costa Nova, o nosso querido amigo Beja da Silva, digno comissario de policia.

= Encontra-se já na praia de Espinho com sua familia o nosso amigo João Pedro Soares.

Revolução Franceza

RECAPITULAÇÃO pelo general *Celestino de Souza*

A empreza da *Livraria Internacional*, por lhe parecer oportuna o ocasião em presença da *Revolução Portuguêsa*, publíca agora um livro de vulgarisação historica, *A Revolução Franceza*, pondo o fito, como sempre tem sido o seu intento, em derramar a instrução no povo.

A Revolução Franceza, comquanto haja sido tratada, em estilo sublime, pelos mais doutos e gloriosos autores de boa historia, ocupa geralmente, na obra deles, muitos volumes de emocinantes e miudas narrativas, entremeadas com o comento e significado dos factos. Reduzil-a á materia de um unico e breve volume, escrito em linguagem simples e clara, e destinada ao povo, tal foi o proposito da sobredita empreza.

Escusado é encarecer a Revolução Franceza, tantas vezes encarecida pelos mais eminentes escritores. Basta dizer, consoante a frase de Victor Hugo, *que ela foi o maior passo que a humanidade tem dado depois do advento de Cristo.*

O novo livro sobre ela, que vem agora á luz, foi feito com as noticias, tomadas unicamente dos livros. E' uma compilação historica como muitas outras, que correm mundo, quer da historia geral, quer até de historia de Portugal. Para a elaborar o autor socorreu-se das obras seguintes:

Malet, *Histoire Contemporaine*—que lhe serviu de norma e a cuja doutrina não raro obedeceu.

Quinet, *La Revolution Française*—a obra mais poderosa, mais consoladora e mais eloquente que porventura se haja escrito sobre a Revolução;

Michelet, *Histoire de la Revolution Française* e *Os soldados da Revolução*, traducção de Fernando Leal;

Taine, *Les Origines de de la France contemporaine;*

Latino Coelho, *Historia Politica e Militar de Partugal;*

Dayot, *La Revolution Française;*

Lamartine, *Histoire des Girondins;*

Vitor Hugo, *Quatre-vingt-treize.*

Esta obra encontra-se á venda em todas as Livrarias e Agentes da provincia, Ilhas, Africa, Brazil, India e America do Norte, ao preço de **200 reis**, brochada, e **300 reis** encadernada em percalina.

Agradecêmos o volume enviado a esta redacção.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

AGOSTO

DIAS	PHARMACIAS
11	RIBEIRO
18	ALLA
25	BRITO

Correspondencias

Vagos, 8

Por ordem da autoridade administrativa foi intimado a abandonar a residencia o paroco désta freguezia, dr. Alexandre José da Fonseca.

Ha muito que o sr. administrador era informado da atitude dubia dêste padre para com a Republica, mas não possuía provas suficientemente ilucidativas que o habilitassem a um procedimento. E ao desejo do sr. administrador de proceder com correcção e lisura deve êle os beneficios que imerecidamente a Republica lhe concedeu até ha pouco.

Logo que o sr. administrador teve conhecimento da hostilidade dêste padre para com a Republica, imediatamente procedeu com aquêle zêlo e dessassombro, que só sabem ter os republicanos que o eram de ha muito e por esse ideal combateram e se sacrificaram.

Dada a ordem de expulsão, o reverendo entregou-se a uma cêna vêrdadeiramente vandalica, mandando arrancar as arvores do pomar, que eram pertença do Estado, e danificando as restantes plantações.

Este facto, que revéla dêste eclesiastico sentimentos pouco evangelicos, de que nos não admirâmos, pois o conhecemos *intus et incute*, foi acremente censurado por todas as pessoas désta terra, que veem nêle uma afronta ao seu brio e dignidade.

O sr. prior esqueceu-se que nós, os mortais, ainda hoje sofremos um castigo brutal e monstruosamente iniquo do Padre-Eterno porque Eva, induzida pela serpente—uma traição do Jehorab--comeu uma maçã. E esta crença, que originou a religião de que este padre é ministro, ha-de sentir-se ofendida pelo seu procedimento, sem duvida mais grâve e criminoso.

Informado o digno administrador dêste delito, imediatamente procedeu contra o padre, que terá de prestar contas á Justiça dos homens, que a de Deus é problematica.

Foi este padre um daquêles muitos arrivistas que apressadamente aderiram á Republica.

Aderiram, não digo bem, porque êle teve o descôco de afirmar nos Paços do Concelho e ante o administrador de então, que era republicano de ha muito, muito antes dêle mesmo, administrador, mas que se não manifestava devido á sua situação especial. Esta exagerada afirmação, que da nossa parte apenas nos deixou a crença ingenua no seu liberalismo, obrigou-o a desmascarar-se mais tarde, duma maneira indigna e revoltante. Apenas conheceu o magno diploma da Lei da Separação, arrebanhou os seus colégas e trouxe-os a um protesto colectivo. Viu-se por aqui quanto eram fementidas as suas palavras, que apenas assentavam num calculado designio interesseiro.

Desde esse dia não nos ficaram duvidas sobre a sinceridade das suas convicções, mas ainda assim não protestámos contra a sua estada na residencia, para que nos não acoimassem de sectarios e perseguidores.

Mas a sua conduta ulterior não foi de molde a concitar a nossa tolerancia.

Pretendeu no tribunal atacar a Republica na ocasião em que defendia um seu coléga, acusado de desrespeitar a lei da Separação; e ainda ha pouco tempo houve conhecimento duma tentativa de suborno da Comissão Paroquial a que êle não é estranho.

Por tudo isto e porque este padre nunca foi simpatico a esta gente, a ordem de expulsão foi geralmente bem recebida e o sr. administrador muito felicitado pela maneira energica e inteligente como sabe fazer politica republicana.

E' este o padre; que o homem... nós sômos bastante generosos para o não discutirmos.

A.

Cacia, 6

O julgamento do paroco desta freguezia, que devia ter logar ontem, nessa cidade, mais uma vez ficou adiado.

Alegou o sr. padre João que estava doente, e por isso não compareceu!...

Fez muito bem, sr. padre João, porque quanto mais tarde, melhor maré...

= De Coimbra chegou ontem o nosso querido amigo sr. Agostinho Rodrigues Béla, que tivémos o gosto de cumprimentar.

Como os seus negocios lhe não permitissem demorar-se, retirou hoje no comboio das 9,3.

= Em companhia de sua esposa acha-se entre nós desde ha dias, o sr. Manuel Rodrigues Mendes.

Este sr., que em 13 do mez passado foi prezo em Alhandra como conspirador, é natural de aqui, onde costuma vir todos os anos passar algum tempo.

= Com feliz sucésso deu á luz uma robusta creança do sexo femenino, a sr.a Maria Rodrigues Teixeira, dedicada esposa do nosso amigo sr. Delfim Dias Pereira.

Parabens.

= Com destino a Coimbra embarcou hoje no apeadeiro desta freguezia, o nosso particular amigo sr. João Rodrigues Sapateirinho, e para a capital o sr. Manuel Bispo.

= De Lisboa chegaram os srs. João de Araujo, José R. Paula Vicente e Amadeu Marta.

Cumprimentâmol-os.

= Para um caso que vamos narrar, pedimos energicas e imediatas providencias ao sr. administrador do concelho de Albergaria-a-Velha, ou então, caso este digno funcionario da Republica não providencie como é de toda a Justiça, terêmos que nos dirigir ao ex.mo governador civil do distrito. E' o seguinte: Realisando-se no ultimo domingo, 4, em Angeja, a festividade ao Santo Antonio deu-se o caso de estár o sr. Carlos Rodrigues Branco, da Quintã do Loureiro, com o seu chapéu na cabeça na ocasião que o cortejo religioso ía passando. Pois não foi preciso mais nada para aquêle povo, sem conhecimentos, começar a censurar o sr. Carlos Branco, que estava dentro da ordem e da lei, chegando—é extraordinario!—a ameaçal-o.

Mas que o povo pela sua ignorancia e pelo seu grande fanatismo assim procedesse, já não nos admirâmos; o que nos causou espanto foi o procedimento do sr. Manuel Marcelino, regedor da freguezia que por momentos ainda quiz manter a prisão do sr. Carlos R. Branco, por este conservar o chapeu na cabeça!

Se não fosse alguem fazer-lhe vêr a lei, aquéla béla autoridade da Republica lá dava um gostinho aos catolicos, que é o mesmo que dizer, aos intolerantes que se julgam ainda nos tempos da ominosa.

Para bem de todos, pois, pedimos imediatas providencias ás autoridades competentes.

Castélo de Paiva, 6

Como prometemos vâmos dizer o modo de remediar a grande falta de advogados nésta comarca que tanto está prejudicando o público em geral: era escolher e nomear para cargos públicos individuos formados e que possam advogar.

Creiam que será a unica maneira de solucionar a crise de advogados e de esta região se elevar até onde desejâmos que éla vá.

= O paroco da freguezia de Sobrado, sendo intimado, abandonou a residencia.

A lei é egual para todos.

Cumpra-se sem o minino receio, que é isso que compéte ás autoridades.

= O tempo está prejudicando a agricultura. Uma desgraça.

C.

Pinheiro, 7

Conforme o prometimento do sr. Matos, vimos lembrar que seria da maior oportunidade a limpêsa da nossa fonte, pois de fórma como está é uma vergonha e é um perigo. A canalisação tem grandes rombos e na presente conjuntura a agua não chega para abastecimento do logar.

Como se oferece agora ocasião, em virtude do pessoal existente, estâmos convencidos que será tomado na devida consideração o nosso pedido, que é justo.

= Emquanto os verdadeiros republicanos assistem de braços cruzados á politica do nosso concelho, aquêles que se dizem *conservadores* andam em *bolandas*, apalpando terreno...

Deixâmo-nos de fazer por agora comentarios, mas diga-se de passagem: o regimen é de liberdade.

Os tempos mudaram. Convençam-se déssa.

= Vitimado por uma pneumonia e na avançada edade de 86 anos, faleceu na casa da sua residencia em Calvães, Alquerubim, o sr. José Francisco Nunes, sôgro do nosso amigo João Bolaes Monica. Era um bom chefe de família e prestavel cidadão. Encorporou-se no prestito funebre a filarmonica *Velha-União*, conduzindo a chave do feretro o sr. Manuel Maria Amador e a toalha o sr. Antonio de Brito. A toda a familia enlutada, enviâmos sentidos pêsames.

= Encontra-se entre nós o sr. Ernesto Silva, consorciado ha pouco na capital com a sr.a Rosa Sequeira Pinto, natural daqui. Retira brevemente para Luzo.

= De passagem tambem tivémos o prazer de cumprimentar o nosso amigo dr. Abilio Marques, com sua ex.ma cunhada e filhinhos.

= Já principiou a colheita dos milhos altos, regulando a produção pela dos anos anteriores. O aspecto das vinhas é excelente.

C.